

NARRATIVAS DO TRAUMA: ESCREVENDO A HISTÓRIA A CONTRAPELO

Juliana Gonçalves Isaias Rodrigues¹

RESUMO: As relações entre memória e história nas narrativas do trauma oferecem a oportunidade de criticar o historicismo, definido como o que representa o passado “tal como ele de fato ocorreu”. Diferentemente da perspectiva histórica, os ficcionistas contemporâneos, ao debruçarem-se nos relatos dos vencidos, colocam em xeque a verdade histórica como único caminho e ponto de chegada. Esse pressuposto encontra embasamento na concepção benjaminiana de que não há natureza histórica, mas possibilidades individuais que fazem a história. Este artigo tem por objetivo analisar como a experiência do trauma é traduzida na novela de potencial destinação juvenil *Stefano*, de Maria Teresa Andruetto, e na narrativa intitulada Dr. Henry Selwyn, do romance *Os emigrantes*, de W. G. Sebald, a fim de verificar os pontos de convergências e divergências entre as obras. Em *Stefano*, Maria Teresa Andruetto, ao longo de 75 páginas, narra os percalços enfrentados por um jovem imigrante italiano que foge da pobreza do pós-guerra na Itália para a Argentina. Na primeira narrativa de *Os emigrantes*, deparamo-nos com a história do expatriado Henry Selwyn, cuja vida é despedaçada por conta do Holocausto e da Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Memória; História; Narrativa.

TRAUMA NARRATIVES: WRITING HISTORY AGAINST THE GRAIN

ABSTRACT: The relations between memory and history in trauma narratives offer the opportunity to criticize historicism, defined as the one that represents the past "as it actually happened." Unlike the historical perspective, contemporary fictionists, by turning to the accounts of the vanquished, put the historical truth in check as the only way and point of arrival. This assumption is based on the benjaminian conception that there is no historical nature, but individual possibilities that make history. The article aims to analyze how the trauma experience is translated in Maria Teresa Andruetto's novel of potential youth destination *Stefano* and in the narrative entitled Dr Henry Selwyn, from the novel *The emigrants* by W. G. Sebald, in order to verify the points convergences and divergences between the constructions. In *Stefano*, Maria Teresa Andruetto, over 75 pages, narrates the mishaps faced by a young Italian immigrant who escapes from the post-war poverty in Italy to Argentina. In the first narrative of *The emigrants*, we are faced with the story of expatriate Henry Selwyn, whose life is shattered because of the Holocaust and World War II.

Keywords: Memory; History; Narrative.

Introdução

¹ Especialista em literatura infantojuvenil e mestranda em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ. **E-mail:** juulliy@yahoo.com.br **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-1314-0419>.

Formatado pela teologia positivista e pelo modelo cartesiano de racionalidade, o historicismo emerge no fim do século XVIII e começo do século XIX, tendo como característica inicial a busca famigerada pela objetividade. Fundamentalmente conservadora, a escola historicista, por acreditar na existência de um discurso autônomo sobre a verdade, buscava uma representação mimética do passado. As ideias essenciais dessa corrente podem ser resumidas da seguinte maneira:

É importante ver o historicismo, ele mesmo, no seu desenvolvimento histórico. Quando ele aparece, sobretudo na Alemanha, no fim do século XVIII e começo do século XIX, tem um caráter fundamentalmente conservador, ou mesmo, retrógrado, reacionário. Visava legitimar as instituições econômicas, sociais e políticas existentes na Alemanha, na Prússia, na sociedade tradicional, enquanto produtos legítimos existentes na Alemanha, na Prússia, na sociedade tradicional, enquanto produtos legítimos do processo histórico, como resultado de séculos e séculos de história, resultados de um processo orgânico de desenvolvimento. E toda a tentativa de abolir, de destruir, essas instituições veneráveis, seculares, históricas, seria arbitrária, anti-histórica, artificial que, portanto, só poderia conduzir à catástrofe. É em nome do historicismo, desse historicismo conservador, que se condena as revoluções e, em particular, a Revolução Francesa. Mas também se condena o capitalismo, que aparece como uma erupção de algo novo, que está em oposição a estas veneráveis instituições e, portanto, ao desenvolvimento histórico (LÖWY, 1988, p. 70).

Walter Benjamin, um dos maiores críticos do historicismo, não cria na possibilidade de uma tradução total do passado, já que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi” (BENJAMIN, 1994, p. 2). Em sua concepção, os traumas que acometem o indivíduo moderno não podem ser reduzidos a um discurso historicista que muitas vezes minimiza ou nega a existência dos eventos traumáticos. Desse modo, contrariando o *continuum* da história, sugere uma alternativa dialética da cultura que rejeita o conceito de história como sendo uma projeção linear no tempo, uma transmissão encadeada e não problemática dos eventos. Para Benjamin, a racionalidade técnica presente no campo da história deve ceder espaço às reminiscências que na contramão de um sentido universal dos acontecimentos, oferecem o entrecruzamento de diferentes visões de mundo. Nesse sentido, a literatura, por ser considerada um lugar de memória, mostra ser o espaço ideal para abarcar as narrativas dos esquecidos da história, a fim de “despertar no passado as centelhas da esperança” (BENJAMIN, 1994, p. 2), viabilizando escovar a história a contrapelo.

Cabe ressaltar que a literatura da qual fala Benjamin não é a idealista tradicional, tanto que no ensaio “Sobre alguns temas em Baudelaire”, o crítico alemão faz o seguinte questionamento: “de que modo a poesia lírica poderia estar fundamentada em uma experiência para a qual o choque se tornou norma?” (BENJAMIN, 1089, p.110). Partindo da premissa de que a presença esmagadora do choque na modernidade exige uma poética que seja capaz de traduzir as aporias dos sujeitos, “o preceito historicista da representação total do passado, cede espaço à ideia de apresentação enquanto construção a partir do presente” (SELIGMAN-SILVA, 2003, p. 70).

Neste artigo, buscaremos mostrar que, ao eleger como objeto central de suas reflexões as relações entre memória, história e deslocamento, as ficções contemporâneas ultrapassam a “fixidez dos registros históricos” (CARREIRA, 2018 p. 266). Para tanto, faremos uma breve análise de duas obras que focalizam indivíduos que um dia tiveram que deixar para trás seus lugares antropológicos de origem (AUGÉ, p. 158), *Os emigrantes*, (2009), de W. G. Sebald e *Stefano* (2014), de Maria Teresa Andruetto.

Narrativas do exílio na ficção contemporânea

Segundo Goldberg (1997, p. 21), “[...] a migração é uma condição natural da experiência humana.” Trata-se de um fato social presente na história dos povos desde os tempos mais longínquos. O primeiro registro de um fluxo migratório em massa é o da diáspora judaica, quando cerca de 40.000 judeus foram forçados a um exílio na Babilônia. De lá para cá, muitas outras migrações ocorreram, tanto de povos inteiros(diásporas) quanto de pequenos grupos.

Diversas são as causas que levam os indivíduos a passarem pelo processo de desterritorialização, que vão desde a busca por condições melhores de vida a uma imposição bélica, por exemplo. Mas independentemente das motivações, os que migram de um lugar para outro experimentam o que Eduard Said (2003) chama de fratura incurável.

Por um longo período de tempo, a história oficial tentou apagar as memórias dos que sofreram diretamente os infortúnios dos deslocamentos forçados. Contudo, na segunda metade do século XX, os estudos literários começaram a dar vozes às memórias subterrâneas² até então

² Termo cunhado por Michel Pollak.

silenciadas. A realidade moderna vista como catástrofe não admitia mais uma literatura reduzida à contemplação da natureza. Desde então, as abordagens literárias sobre fatos históricos perturbadores começaram a ser bastante recorrentes na literatura.

As narrativas de Andruetto e Sebald, ao abandonaram “os rígidos binarismos entre “fato” e “ficção” (KLINGER, 2012, p. 11), enquadram-se nessa nova corrente. Tratam-se de narrativas que contêm diversos relatos de acontecimentos relacionados ao choque de viver os horrores do exílio, resgatando dados de registros históricos que foram incorporados à memória coletiva. Dessa forma, estabelecem um intenso diálogo entre ficção e história, de modo a discutir a problemática da migração forçada.

A obra de Andruetto, formalmente desconstruída, apresenta uma estrutura narrativa que mescla passado, presente e futuro. Estruturada a partir de duas narrações que se inter-relacionam, a narrativa apresenta dois discursos contados por narradores distintos. O primeiro, heterodiegético, narra a história da partida de Stefano rumo à Argentina até o momento em que ele conhece sua esposa, Ema. Já o segundo é o próprio Stefano, o adulto migrante que decide narrar à companheira as agruras do processo migratório. Diferentemente da narração feita pelo narrador em terceira pessoa, os relatos feitos pelo narrador em primeira pessoa apresentam riquezas de detalhes e informações não mencionados até então, incluindo lembranças dos sofrimentos causados pela primeira Guerra Mundial, a escassez de comida e *flashbacks* dos momentos em que o menino viveu com a mãe, Agnese.

A novela está dividida em quatro partes, nelas observamos a trajetória percorrida por Stefano, que se inicia com a despedida da terra pátria e termina com seu amadurecimento. A primeira parte da obra trata da travessia de barco feita pelo protagonista; a segunda parte narra a chegada de Stefano em terras estrangeiras, bem como as dificuldades encontradas por ele; a terceira focaliza a vida do menino como músico no circo e a quarta trata a respeito da morte de sua mãe, do seu amadurecimento e de seu encontro com Ema, que virá a ser sua esposa.

A travessia é marcada pela dor de deixar para trás o país de origem e a própria mãe. A escassez de comida na Itália, consequência da Grande Guerra, foi o motivo que impulsionou o menino de apenas doze anos a buscar uma terra capaz de lhe proporcionar condições de sustento. Mesmo sabendo que sua mãe não o acompanharia nessa jornada, Stefano decide se aventurar em um país estrangeiro, na esperança de conseguir acumular bens materiais para retornar à Itália posteriormente. E assim o faz, o adolescente avança rumo à fila da emigração.

A partida, no entanto, é avassaladora tanto para mãe quanto para filho: “Só depois de ultrapassá-la, quando soube que estava longe do alcance da mãe, Stefano enxugou os olhos com a manga do paletó.” (ANDRUETTO, 2014, p. 9).

Já no barco, longe da progenitora, o menino se depara com pessoas de todos os tipos: mulheres, crianças de colo, anciãos, viúvas, que assim como ele estavam em busca de uma vida melhor. Em meio a multidão de migrantes, a imagem da mãe que ficou em terras italianas vinha tal como um fantasma para lhe atormentar. Stefano via Agnese no rosto de todas as mulheres que encontrava. O sentimento de culpa o castigava.

Entre um relato e outro a respeito das adversidades encaradas pelo protagonista, o narrador adulto rememora a miséria enfrentada por ele e por sua mãe, informação esta que dá aos leitores as reais razões que fizeram com que um menino abandonasse o próprio país. O cenário de extrema pobreza no qual a Itália se encontrava pode ser confirmado nos seguintes versos:

[...] só nos sobrou essa vaca, fazia frio em casa. Aqui, perto da estufa, a lembrança daquele frio é mais intensa, Ema. Perguntei a ela: Vamos acender o fogo hoje? Mas ela disse não. Por que não? Perguntei. Ainda não é inverno, disse. Ela tremia quando disse isso (ANDRUETTO, 2014, p. 14).
Eu a vejo na cozinha: tira a água da que ferve num latão, joga a água no pombo morto e o depeña com dedos habilidosos[...] quando está limpo, o parte em quatro e diz: Dá para quatro dias. [...] quando volto, está tirando fubá do saco. Mete a mão no fundo e escuto o ruído da caneca raspando o fundo (ANDRUETTO, 2014, p. 17).

Não bastando a própria condição de exilado, o protagonista de Andruetto é acometido por uma situação desesperadora: o navio que o transporta sofre um terrível naufrágio. Muitos homens, mulheres e crianças morreram na tragédia, não havia botes salva-vidas suficientes para todos os tripulantes. Nesse momento, “Stefano pensa na mãe, na vontade que lhe tem de contar esse medo de morrer” (ANDRUETTO, 2014, p. 26). Contrariando o curso natural da tragédia, o menino sobrevive ao naufrágio, mas, apesar da felicidade de ter escapado da morte, Stefano sofre pelo falecimento de um de seus companheiros de viagem, Remo.

Em terra firme, depois de passar pelo hotel de emigrantes, o pequeno jovem conquista seu primeiro trabalho na fazenda do tio de um de seus amigos. Nela vivencia alguns momentos de alegria. A fartura de comida o encanta, não precisa mais comer farinha com água ou ter que

escolher entre a clara ou a gema do ovo. Mas essa pequena felicidade não é capaz de amenizar o vazio e o remorso que sente em seu coração. O que Agnese estaria comendo? Pensava Stefano. Além disso, não minimiza o sentimento de rejeição que inunda sua alma. Em muitas passagens da narrativa é possível perceber que o adolescente é tratado com diferença e desprezo:

As coisas mudaram nesses meses: Pino não está com ele no alpendre onde dormem os peões, está na casa com seu tio. Stefano sabe que não vão mais comprar um pedaço de terra, nem vão juntos a parte alguma[...] Stefano [...] é mais um entre os peões, e sabe que vai ter que trabalhar duro por um pedaço de terra (ANDRUETTO, 2014, p. 33).

Ademais, Vittorio, patrão do menino, não remunera Stefano mensalmente, fato que faz com que o infante perceba que a promessa de uma vida próspera e pacífica não passa de uma doce ilusão, o mito do progresso transforma-se rapidamente em ruínas. Na tentativa de minimizar a solidão em que se encontra, de suportar a separação abrupta da mãe, de lidar com a morte precoce do pai que fora morto na batalha do Piave³, o jovem migrante passa a buscar nos cidadãos argentinos algumas semelhanças com seus entes queridos.

Ainda como estratégia de sobrevivência, o menino tenta estabelecer o vínculo com a terra natal por meio das canções italianas que entoia ao longo de toda a narrativa, uma espécie de conservação da identidade cultural: “[...] só uma linha/ acalmariam a minha dor. / Não escreves nem voltas, / tu és feita de gelo[...]”⁴ (ANDRUETTO, 2014, p. 12, tradução nossa). Trata-se de uma alternativa adotada por muitos indivíduos desterritorializados, uma vez que “na desterritorialização, há que recriar em terra estrangeira o vínculo com a terra natal” (CARREIRA,2011, p. 25 *apud* CARREIRA 2013, p. 96).

Cansado de ser inferiorizado por Vittorio, Stefano decide ser saxofonista em uma companhia de circo. Lá, sente-se acolhido, uma vez que os artistas circenses são, assim como ele, migrantes. É também no circo que conhece Tersa, mulher com quem tem sua primeira experiência sexual. O menino chega a cogitar a ideia de se casar com a trapezista, mas tudo muda quando fica sabendo, por meio de um telegrama, a notícia da morte de sua genetriz. Estarrecido com a notícia e convencido de que não havia motivos para retornar à Itália, o

³ Rio italiano que marcou a última linha de defesa da Itália na 1ª Guerra Mundial.

⁴ [...] *un rigo appena/ Calmeranno il mio dolor. /Tu non scrivini e non torni, /Tu se fatta di gelo*[...].

protagonista decide cumprir o pedido que a mãe havia feito: ir a Rosário para procurar Chiara Martino, amiga de sua mãe. Na cidade, Stefano, depois de muito procurar, encontra Chiara e conhece Ema, sua filha, por quem se apaixona. Ema é a personagem com quem ele dialoga desde o início da narrativa e quem o ajuda a refazer o caminho dos labirintos da memória. A novela chega ao fim. Stefano constrói uma família, casa-se com Ema e está prestes a ser pai. Mas mesmo refazendo o lugar em um outro local, ele jamais esquecerá de tudo que vivenciou em suas andanças. A narrativa de Andruetto discorre sobre vazios, perdas e separações, mas também versa sobre a paixão, descoberta da sexualidade, amizade e amadurecimento.

Obra híbrida, publicada em 1922, *Os emigrantes*: quatro narrativas longas é o segundo romance de de W. G. Sebald. O livro é atravessado do início ao fim por descrições minuciosas dos espaços e pela inserção de fotografias que conferem à obra uma aparência factual. Essas características reforçam o caráter híbrido da ficção contemporânea que, por ter como pano de fundo um caráter documental, mescla memória e história.

O narrador autodiegético apresenta aos leitores as histórias traumáticas de quatro judeus expatriados. O primeiro emigrante descrito pelo narrador Sebald atende pelo nome de Dr. Henry Selwyn, um judeu lituano que migra para a Inglaterra, ainda criança, motivado pela perseguição antissemita. O segundo personagem, Paul Bereyter, professor do narrador durante o primário, volta à cidade alemã, onde foi hostilizado durante a Guerra por ter sangue judeu. O terceiro é Ambros Adelwarth, tio-avô do narrador, que precisou migrar para Nova Iorque por conta da crise ocorrida entre as Guerras. Por fim, Max Aurach, pintor judeu-alemão, que convive com a dor de ter os pais mortos nos campos de concentração. Tratam-se de narrativas independentes que se assemelham na medida em que possuem o mesmo eixo temático: todos os personagens compartilham o sentimento melancólico gerado pela cruel realidade que lhes foi imposta.

A primeira narrativa se inicia com o relato a respeito da viagem de carro que o narrador faz até Hingham, Inglaterra. Devido a mudança de emprego para Norwich, ele e a esposa Clara buscam um imóvel para alugar na nova cidade. Chegando à casa indicada pela imobiliária, o narrador personagem conhece Dr. Henry Selwyn, descrito como sendo “homem de idade, [...] totalmente absorto” (SEBALD, 2009, p. 11). Ao se apresentar, o médico se define como uma espécie de eremita ornamental, um simples morador do jardim: “vivia em seu ermitério e se dedicava plenamente, como me declarou certas vezes, a pensamentos que, de um lado, ficavam cada dia mais vagos e, de outro, mais inequívocos e precisos” (SEBALD, 2009, p.180). Selwyn

conta ao narrador que ele e a família chegaram a Londres emigrados de Grodno em 1899, fazendo parte do movimento maciço de emigração da Lituânia:

Quando perguntei para onde, afinal, sentia-se tentado a voltar, contou-me que aos sete anos de idade emigrara de uma aldeia lituana nas proximidades de Grodno com a família. Isso acontecera no final do outono de 1899, quando ele, os pais, suas irmãs Gita e Raja e seu tio Shani Feldhender foram até Grodno na carroça do cocheiro Aaron Wald (SEBALD, 2009, p. 24).

O personagem de Sebald cresce em Londres e lá cursa o colegial e a faculdade de medicina. Após a conclusão dos estudos, encaminha-se à Berna, com o propósito de fazer ali seu aperfeiçoamento. Na cidade suíça, o jovem Henry conhece um guia de alpinismo por quem nutre bastante carinho. Aparentemente a vida seguia seu curso normal até que vem “o ano na Suíça, a guerra, o primeiro ano de serviço na Índia e o casamento com Hedi” (SEBALD, 2009, p. 26). Por conta da eclosão da guerra, o recém-formado precisou retornar à Inglaterra, fato que lhe causou profunda tristeza, já que precisou abrir mão dos laços criados com seu amigo alpinista Naegeli. A participação ativa do Dr. Selwyn nas fileiras da Guerra foi para ele “uma época cega e nefasta, sobre a qual [...] não seria capaz de dizer nada, mesmo se quisesse. (SEBALD, 2009, p. 27). Essa impossibilidade de narrar descrita pelo médico encontra-se fundamentada na proposição benjaminiana de que diante do horror o indivíduo é incapaz de expressar-se.

Segundo Carreira (2017, p. 25), “os relatos do exílio geralmente retratam o saudosismo, a necessidade de preservação dos costumes e a perseverança na preservação da língua materna como elemento identitário”. Essas características não são observáveis na narrativa de Sebald, já que sua personagem não tem a pretensão de preservar costumes, nem tampouco sua identidade, tanto que ao longo da narrativa o médico confessa ao narrador que preferiu ocultar sua verdadeira origem de imigrante lituano e judeu: “[...] mudei meu prenome de Hersch para Henry, e meu sobrenome de Seweryn para Selwyn.” (SEBALD, 2009, p. 26). Hersch é um nome próprio de origem judaica, ou seja, era um nome que trazia em sua grafia a relação com uma identidade que Henry optou por omitir.

Segundo Cuche (2002, p. 198), a identidade é um “meio para atingir um objetivo”, não é absoluta, muda de acordo com a estratégia escolhida pelo indivíduo. Henry Selwyn, com

medo de ser estigmatizado pelos nativos dos lugares por onde transitou, muda seu nome de batismo única e exclusivamente como estratégia identitária.

A narrativa chega ao fim de maneira trágica, uma vez que desenraizado, solitário e amedrontado pelas fantasmagorias da modernidade, o médico não encontra mais sentido na própria vida. Sendo assim, senta-se na beira da cama, põe a espingarda entre as pernas, e sem titubear aperta o gatilho da arma:

A última vez que o vimos foi no dia em que trouxe para Clara um buquê de rosas entrelaçadas com madressilvas, pouco antes de viajarmos de férias para a França. Algumas semanas mais tarde, no final do verão, ele se suicidou com uma bala de sua pesada espingarda de caça. (SEBALD, 2009, p. 27).

Considerações finais

As duas obras brevemente analisadas aqui, contrariando a história oficial, permitem recuperar a sensação de desterro e estranhamento vivenciada pelos protagonistas. As histórias dos personagens se aproximam na medida em que tanto Stefano quanto Dr. Dr. Henry Selwyn migram ainda quando crianças e porque ambos têm as vidas transformadas por acontecimentos traumáticos. Os dois vivenciam, embora de maneiras diferentes, os impactos ocasionados pela migração forçada.

Sebald e Andruetto não tentaram fazer, em suas narrativas, uma exegese da mobilidade humana, ao contrário, mostraram-nos “pelo ângulo que não nos chega através dos noticiários da tevê, o cotidiano”⁵ que é, por vezes, solapado pelo materialismo histórico. Na historiografia oficial, as memórias individuais estão ausentes, não são levadas em consideração. Essas lacunas fizeram com que os autores dessem vozes aos que sempre foram rechaçados pela história.

O personagem de Andruetto, apesar de conviver com perdas e incompletudes, próprias da condição do exílio, consegue superá-las, tanto que a ficção termina com um “final feliz”. A primeira narrativa de Sebald, ao contrário, encerra de maneira catastrófica, trata-se de uma prosa marcada pela desesperança. Dr. Henry, por não conseguir conviver com a lembrança de

⁵ Entrevista de Marina Colasanti ao Jornal Rascunho. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/corte-radical/>>. Acesso em 28/02/2019.

um passado permeado por ruínas, dá cabo da própria vida. Outra divergência observada nas obras está relacionada à estratégia de aculturação adotada pelos protagonistas. Enquanto Stefano opta pela integração, considerada por Berry (2004) a melhor estratégia de aculturação, consistindo em um processo simultâneo de manutenção das raízes e de interação com o grupo dominante, Henry Selwyn decide pela assimilação. Podemos chegar à conclusão de que o personagem de Sebald escolhe negar a identidade forjada no lugar de origem, assimilando completamente a cultura de acolhimento porque não queria sofrer discriminação por parte do grupo dominante.

Acreditamos que a problematização da temática da migração trazida nas narrativas expostas neste texto torna-se relevante para os estudos literários e culturais, já que, ao tratar do deslocamento não a partir da história oficial, mas sim por meio das vozes dos indivíduos que, ao longo da história foram silenciados, contribui para uma visão de mundo plural.

REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, Maria Teresa. *Stefano*. Trad. Marina Colasanti. São Paulo: Editora Global, 2014.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. Teses sobre o conceito de história. 1994. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3957253/mod_resource/content/1/Teses%20sobre%20o%20conceito%20de%20hist%C3%B3ria%20%281%29.pdf. Acesso em: 08/06/2019.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. A representação da identidade diaspórica na ficção de Jhumpa Lahiri. *Literatura e voz subalterna*. Anais. Vitória: GM, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/12785440/>. Acesso em: 17/12/2020.

_____. A reescrita do trauma: a literatura brasileira contemporânea sobre a *Shoah*. *SOLETRAS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPLIN) da Faculdade de Formação de Professores da UERJ*, n. 36, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/33533/26643>. Acesso em: 10/12/2020.

_____. A representação do exílio em *No Pasó Nada*, de Antonio Skármeta. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/download/4386/2498. Acesso em: 28/01/2019.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2. ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

GOLDBERG, David Theo. Introduction: multicultural conditions. In: _____. *Multiculturalism: a critical reader*. Oxford: Blackwell, 1997, p. 21.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LÖWY, Michael. *Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

SAID, Edward. *Reflexões sobre exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SEBALD, W. G. *Os emigrantes*. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: _____. (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 59-88.

Recebido em: 08 de novembro de 2020.

Aceito em: 19 de dezembro de 2020.